

Sucessão de pernas para o ar

Ricardo Noblat

A renúncia, anunciada ontem pela manhã, do candidato a vice do ex-candidato à Presidência da República, o pastor evangélico Armando Corrêa, removeu uma pedra do meio do caminho da candidatura do empresário e animador de auditório Silvio Santos. A teimosia do vice de Corrêa em se manter candidato não era uma pedra de grande porte — mas era uma pedra de toda forma. O agora ex-candidato a vice vendeu caro a desistência dele.

Resistiu a intensas pressões nas últimas 48 horas — dos que queriam a renúncia dele e dos que desejavam que ele permanecesse candidato. Teve muita gente interessada na permanência dele, que poderia vir a inviabilizar a candidatura de Silvio. Foi por estar preocupado com isso que o senador Marcondes Gadelha, candidato a vice na chapa de Silvio, procurou o ministro Francisco Rezek, presidente do Tribunal Superior Eleitoral.

Gadelha disse ao ministro que a teimosia do vice de Corrêa poderia levar Silvio a desistir da candidatura. “A candidatura do Silvio esta dependendo disso e poderá, até, não se consumir”, observou Gadelha depois da visita a Rezek. Deve se consumir neste sábado, quando a dupla Silvio-Gadelha pretende visitar Rezek, novamente. A próxima pedra a dificultar o caminho de Silvio será a impugnação à candidatura dele.

Tão logo ele apresente o pedido de registro da candidatura, uma bateria de recursos dará entrada no tribunal para impedir que o registro seja aceito. É razoável supor que o tribunal acatará o pedido de registro. O caso deverá ser julgado às vésperas do primeiro turno da eleição presidencial. É de se ver se o tribunal recusará o pedido do candidato se ele estiver liderando, até lá, as pesquisas eleitorais.

O julgamento será mais político do que técnico. O tribunal deverá levar em conta, primeiro, a ampla frustração que provocaria no eleitorado por eliminar um candidato que teria assegurado a passagem dele para o segundo turno. E depois, teria que



avaliar o pouco tempo que haveria para informar aos eleitores que o voto em Silvio — ou melhor, no Corrêa, codinome do Silvio — seria considerado um voto nulo.

A candidatura de Silvio é um fato político — e, como tal, deverá ser encarado. A essa altura, só ele próprio poderá desmanchar o que inventou — ou o que foi inventado, com o consentimento dele, pela ala do PFL mais ligada ao presidente da República. A capacidade de errar, e de perseverar no erro, demonstrada pelo presidente José Sarney, supera as expectativas mais otimistas dos adversários dele.

O presidente fazia de conta que adotara uma postura de magistrado em relação à escolha do sucessor dele — e as demais pessoas fingiam que acreditavam nisso. À exceção de Collor de Mello, que por falta do que dizer se fixara no ataque contundente e vazio ao presidente da República, os demais candidatos poupavam Sarney em suas críticas. Sarney não ocupava espaço relevante no discurso deles.

Estabeleceu-se um certo consenso da falta de importância do atual presidente no desfecho da sucessão. Não se bate em pato morto. O pato não estava morto — muito menos parecia disposto a levar até o fim a farsa do presidente que comandara com sabedoria e bom senso a primeira eleição pelo voto direto depois de 29 anos. Sarney atuou para que Silvio Santos pudesse vir por aí — e Silvio veio.

Chegou, viu e pode vencer o primeiro turno. Collor de Mello será o candidato que mais perderá votos com a entrada de Silvio na sucessão presidencial. A sangria de votos que ele sofrerá poderá retirá-lo da disputa do segundo turno da eleição. Possível, sempre será que Silvio e Collor se encontrem no segundo turno — o mais provável, contudo, é que isso não ocorra. Se Collor desaba de fato, Brizola se beneficiará.

Lula está às voltas com a perda de votos para Silvio e com as trapalhadas cometidas pela administração do PT em São Paulo — as mortes na favela “Nova República” e as suspeitas que envolvem o “Caso Lubeca”. Silvio tomará muitos votos de Maluf em São Paulo. O eleitorado de Brizola, e também o de Covas, é mais fiel a eles. Mas é Brizola que enfrentará Silvio entre os eleitores mais pobres e menos instruídos. Vamos conferir.